

“É PAGO, MAS É EM CASA”:
REFLEXÕES SOBRE A APLICAÇÃO DA
SOCIODRAMATURGIA GOFFMINIANA EM
INVESTIGAÇÕES INTERDISCIPLINARES
DE HOSPEDAGENS COMERCIAIS
DOMICILIARES

“YOU HAVE TO PAY, BUT AT HOME”: REFLECTIONS ON
THE IMPLEMENTATION OF THE SOCIODRAMATURGY
OF GOFFMAN IN INTERDISCIPLINARY
INVESTIGATIONS OF COMMERCIAL DOMESTIC
GUEST HOUSES.

* Bolsista CAPES/DS e mestranda em Memória Social pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMS - UNIRIO). Graduada em Turismo pela UNIRIO. Tutora a distância do curso de Licenciatura em Turismo oferecido pelo Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro (Consórcio CEDERJ).
✉ reneemaia@gmail

Renée Louise Gisele da Silva Maia *

R e s u m o

As interações sociais têm assumido posição de destaque em estudos dedicados à investigação de processos e de produtos culturais. No turismo, tais interações evidenciam, ainda, suas interfaces com a questão da hospitalidade. Com o objetivo de discutir as hospedagens comerciais domiciliares como objeto de investigações interdisciplinares, este trabalho propôs dois momentos de reflexão. No primeiro, buscou-se delimitar esse conceito apresentado através da revisão de abordagens teóricas e de um breve levantamento histórico. Já no segundo, argumentou-se acerca das possibilidades de investigação desses objetos a partir da aplicação da perspectiva sociodramatúrgica proposta por Goffman (2011). Sustenta-se, por fim, que abordagens processuais de objetos como este são fundamentais não somente para a compreensão do fenômeno turístico em si, mas também para sua observação e apropriação como um caminho para a investigação de aspectos, fun-

cionamentos e dinâmicas socioculturais em um cenário tão fortemente marcado pela mobilidade e fluidez de relações.

Palavras-chave: Turismo. Hospitalidade. Sociodramaturgia. Interação. Hospedagem Comercial Domiciliar.

Abstract

Social interactions have taken prominent position in studies devoted to the investigation of processes and cultural products. In tourism, these interactions show also interfaces with the question of hospitality. Aiming to discuss commercial domestic guest houses as an object of interdisciplinary research, this paper proposed two moments of reflection. At first, we attempted to define the concept presented by reviewing theoretical approaches and a brief historical survey. Secondly, we argued about the possibilities of investigation of these objects according to the dramaturgic approach of social interactions proposed by Goffman (2011). Finally, we argue that procedural approaches of objects like this are crucial not only for understanding the tourism phenomenon, but also for its observation and appropriation as a way to research aspects, behaviors and sociocultural dynamics in a scenario so strongly marked by mobility and fluidity of relationships.

Keywords: Tourism. Hospitality. Socialdramaturgy. Interaction. Commercial Guest House.

1 Introdução

Como bem apontou Bauman (2005, p. 45), “[...] a marca da modernidade é a ampliação do volume e do alcance da mobilidade, e, por conseguinte, de forma inevitável, o enfraquecimento da influência da localidade e das redes locais de interação”. Assim, a expansão e a intensificação das mobilidades – de pessoas, informações e capital – têm constituído este fenômeno, chamado por alguns teóricos de *compressão do tempo-espaço*.

Nesse sentido, ainda que não configure o único responsável¹ por esta “explosão de mobilidade”, o turismo destaca-se enquanto importante dimensão da compressão do tempo-espaço e da aceleração dos processos globais na contemporaneidade.

¹ Destacam-se também diversas outras formas de mobilidades relacionadas a viagens não turísticas e aos avanços nos meios de transporte, comunicacionais e informacionais.

O fenômeno turístico contribui significativamente para a promoção de interações sociais (GOFFMAN, 2011), em especial, entre indivíduos representantes de diferentes línguas, culturas, crenças, valores e, portanto, expectativas.

Se, de uma maneira geral, as interações sociais já têm sido colocadas cada vez mais em foco em estudos que investiguem elementos relacionados a contextos e produtos culturais, processos de identificação e elaborações ou disputas de memória², no turismo estas interações evidenciam, ainda, suas interfaces com a questão da hospitalidade.

As interseções entre turismo e hospitalidade transcendem o espaço da hotelaria convencional, inserindo no contexto contemporâneo complexidades e peculiaridades que demandam a colaboração entre diversas áreas, como a Psicologia Social, as Ciências Sociais, a Administração e a própria Turismologia, sendo até mesmo passíveis de investigação em áreas transdisciplinares, como é o caso, por exemplo, dos estudos em Memória Social.

Com o objetivo de discutir um recorte dessas inúmeras interfaces entre turismo e hospitalidade, este artigo propõe uma breve discussão sobre as hospedagens comerciais domiciliares como um objeto de investigações multi, inter e transdisciplinares. Para isso, serão apresentados dois momentos interligados de desenvolvimento.

No primeiro, buscar-se-á refletir sobre este cenário peculiar representado pelas hospedagens domiciliares, marcadas pela complexa interseção entre intimidade, hospitalidade e consumo. Assim, será delimitado inicialmente um breve histórico de usos e status sociais diferenciados atribuídos a essas categorias de hospedagens, perpassando alguns de seus principais formatos e revisando concepções e delimitações teóricas sobre os tempos, os espaços, os domínios e as dinâmicas envolvidos neste objeto que simboliza questões de grande relevância na interseção entre turismo e hospitalidade.

Já no segundo momento, apresentar-se-á uma breve aplicação das perspectivas e proposições sociodramatúrgicas de Goffman (2011) à investigação de dinâmicas, comportamentos e interações sociais relacionados a hospedagens comerciais domiciliares. Tal aproximação representa aqui a indicação de um caminho possível para a investigação de um objeto complexo e compartilhado por diversas áreas do conhecimento.

Sustenta-se que o enfoque dado às interações sociais em abordagens como esta aqui proposta é fundamental para a compreensão dos processos, dinâmicas

² Disputas pelo que prevalece como memória de um grupo, indivíduo ou sociedade; em suma, disputas pelo que é ou não lembrado e pelas formas de rememoração utilizadas.

e funcionamentos envolvidos nesta complexa interface entre turismo e hospitalidade. Tais enfoques possibilitam ainda, mais do que a compreensão do próprio fenômeno turístico, sua tomada como um caminho para a compreensão de indivíduos, sociedades, culturas, identidades, memórias e tantos outros aspectos que permeiam estas peculiares formas de encontros.

2 É pago, mas é em Casa: delimitando as hospedagens comerciais domiciliares

O desenvolvimento de modalidades diversas de hospedagem paga, ao longo do tempo, está profundamente relacionado às demandas geradas pelas diferentes formas de mobilidade no espaço, como as peregrinações religiosas, os deslocamentos em rotas comerciais e os fluxos turísticos. Conforme relata Walton (2004, p. 80):

[...] a atividade comercial associada à hospitalidade é tão antiga quanto o comércio, a migração e a peregrinação, havendo evidências de locais especializados que ofereciam repouso e acomodação nos tempos romanos e, novamente, a partir do século XVIII.

Nesse período, despontam duas formas preponderantes e bastante distintas de hospedagem comercial: os albergues e as hospedarias. Os primeiros tipos de estabelecimentos, denominados de albergues ou tabernas, ofereciam serviços de alimentos, bebidas, abrigo e repouso, apresentando conforto inferior ao das casas mais humildes da região, e atendendo, mediante algum tipo de pagamento, àqueles que não dispunham da possibilidade da hospitalidade doméstica – tida como privilegiada, desejada e socialmente valorizada (CAMARGO, 2011). Além disso, poderiam ser somados a esses serviços básicos a provisão de opções médicas, sexuais e de entretenimento (WALTON, 2004).

Já o conceito de hospedaria (ou *hostellerie* em francês) teria derivado do termo *hostel*, o qual estaria, por sua vez, diretamente ligado ao sentido de lar, abrigo e residência. Conforme indica Grassi (2011), sua origem, seu status e seus significados seriam, assim, um tanto quanto mais nobres do que aqueles relacionados aos *albergues*.

Longe de estar ligado a algum lugar mais ou menos sórdido [...] onde por dinheiro se recebe um abrigo duvidoso, comida medíocre e prazeres variados, o termo *hostellerie* [hospedaria] tem etimologicamente suas cartas de nobreza. O ancestral da palavra é uma palavra nobre e nada tem a ver com o termo popular *albergue*. [...] a partir do século XVI, a hospedaria é sinônimo de albergue de campo, em seguida, lentamente sinônimo de hotel no sentido contemporâneo, sentido plenamente adquirido no século XIX. (GRASSI, 2011, p. 537-539)

É possível notar, portanto, uma grande diferenciação de status e prestígio entre as hospedagens oferecidas em estabelecimentos destinados àqueles que não dispunham da oferta de hospedagem domiciliar e àqueles que recebiam oportunidades de hospedagem privilegiadas, como era o caso das hospedarias e das hospedagens em ambientes residenciais em geral³.

A Modernidade, por sua vez, reorienta essas relações. A hospitalidade doméstica passa a ser gradativamente substituída pela hospitalidade urbana e comercial, perdendo paralelamente a força de seu prestígio. Um dos fatores que mais contribuiu para esta transformação foi o surgimento do chamado turismo organizado ou operacionalizado, realizado por intermédio de operadoras e agências turísticas e inaugurado pelo inglês Thomas Cook, considerado pioneiro e inventor do *trade* turístico. Camargo (2011, p. 19) descreve que,

[...] depois de César Ritz e Paul Escoffier, hospedagem e alimentação em hotéis impõem definitivamente seu prestígio aos das casas locais. A evolução dos meios de transporte [...], mais as modernas agências operadoras e de viagem, completa a erosão da hospitalidade doméstica em favor de uma hospitalidade urbana e comercial.

De Buzon (1999, *apud* GRASSI, 2011, p. 539) também observa que,

[...] condicional ou incondicional, a hospitalidade se torna progressivamente uma questão privada, e essa privatização se explica pelo advento da urbanidade, da civilidade e do desenvolvimento concomitante da hotelaria.

³ As origens e status diferenciados dos termos albergue e hospedaria (ou *hostel*) podem explicar, ainda, a adoção deste último termo para denominação comercial dos estabelecimentos hoje conhecidos como albergues – alojamentos de baixo custo, geralmente utilizados por estudantes, viajantes mochileiros e turistas alternativos. A adoção do termo originalmente de maior status pode estar, assim, associada não somente à definição de uma nomenclatura global, mas também a uma tentativa de valorização desta modalidade de hospedagem.

Sem dúvida, tais transformações nos cenários da hospitalidade estão associadas com a própria consolidação gradativa da noção de intimidade. As hospedagens comerciais domiciliares combinam, portanto, a atividade lucrativa ou comercial e o cenário doméstico, ligado às noções do privado e do íntimo. Lynch e MacWhannell (2004) distinguem três grupos principais de hospedagens domiciliares na contemporaneidade, os quais estariam relacionados a graus variáveis de inserção dos indivíduos hospedados nas dinâmicas domiciliares e familiares dos anfitriões. Em primeiro lugar, estaria a hospitalidade comercializada em casas particulares, onde residem os donos, e os “espaços coletivos” são compartilhados entre os hóspedes e a família anfitriã.

O segundo grupo abarcaria as formas de hospitalidade comercializadas também em residências onde moram os donos/ anfitriões, no entanto, o espaço coletivo reservado para o hóspede é separado daquele dedicado à família ou ao núcleo de residentes/anfitriões. Como exemplos, os autores citam hotéis pequenos, residências urbanas, casas para hóspedes e alguns alojamentos do tipo *bed and breakfast*.

Já o terceiro estaria representado pelas acomodações do tipo *self-catering*, na qual os donos da propriedade não residem no local de hospedagem. Lynch e MacWhannell (2004, p. 152) explicam que “[...] essa categoria poderia ser subdividida naquelas em que o lar é usualmente uma residência secundária e naquelas em que a unidade de acomodação é simplesmente uma unidade para alugar, sendo o lar um conceito criado”.

Ainda que a capacidade de promoção de encontros diferenciados por parte de modalidades alternativas de turismo⁴ deva ser sempre problematizada, entende-se – em consonância com Pimentel (2007) – que, principalmente nesses dois primeiros tipos de hospedagens domiciliares descritos,

[...] a dupla função da residência – moradia e hospedagem de turistas – aproxima o proprietário e sua família dos hóspedes, inclusive expondo naturalmente aspectos do dia a dia, como tarefas domésticas, preferências pessoais, cultura, lazer e relacionamentos. (PIMENTEL, 2007, p. 37)

Outro aspecto interessante para a compreensão e categorização das hospedagens comerciais domiciliares perpassa a delimitação dos domínios, tempos

⁴ Entende-se por *modalidade alternativa de turismo* aquela que não é institucionalizada, opondo-se ao turismo de massa. Configura-se como uma modalidade menos mediada pelo *trade* turístico operacional, em que seus praticantes optam por maior autonomia nos processos de escolha e definição de roteiros, meios de hospedagem e uso do tempo.

e espaços da hospitalidade, conforme propõem autores como Camargo (2003) e Lashley (2004). O primeiro autor descreve quatro domínios distintos, categorizando-os de acordo com os tempos e espaços em que são desempenhadas as distintas práticas de hospitalidade: doméstica, pública, comercial e virtual. Acerca da hospitalidade virtual, Camargo (2003, p. 17) sustenta que:

[...] embora perpassa e seja quase sempre associada especialmente às três instâncias anteriores, já se vislumbram características específicas dessa hospitalidade, notadamente a ubiquidade, na qual emissor e receptor da mensagem são respectivamente anfitrião e visitante, com todas as consequências que esta relação implica.

Já Lashley (2004) apresenta apenas três domínios – concomitantemente independentes e sobrepostos – relacionados à oferta de hospitalidade: social, privado e comercial. Conforme delimita o estudioso britânico,

O *domínio social* da hospitalidade considera os cenários sociais em que a hospitalidade e os atos ligados à condição de hospitalidade ocorrem junto com os impactos de forças sociais sobre a produção e o consumo de alimentos, bebidas e acomodação. O *domínio privado* considera o âmbito das questões associadas à oferta da “trindade” no lar, assim como leva em consideração o impacto entre o relacionamento entre anfitrião e hóspede. O *domínio comercial* diz respeito à oferta de hospitalidade enquanto atividade econômica e inclui as atividades dos setores tanto privado quanto público. (LASHLEY, 2004, p. 5-6)

Entende-se, portanto, que as hospedagens comerciais domiciliares situam-se em uma espécie de interseção entre domínios em ambas as abordagens. Considerando a perspectiva de Camargo (2003), é possível afirmar que tais hospedagens estão posicionadas em uma interface entre os domínios privado e comercial da hospitalidade. Ainda que nestas sejam oferecidos os serviços de alojamento e alimentação – também presentes na hotelaria convencional, nos hospitais e diversos tipos de estabelecimentos –, o cenário e as dinâmicas aproximam-se largamente, neste caso, daquelas observadas no domínio doméstico da hospitalidade.

Já de acordo com a proposição de Lashley (2004), a hospitalidade desempenhada nas hospedagens comerciais domiciliares perpassaria todos os três domínios descritos, já que apresenta caráter comercial, é realizada em cenários domiciliares – envolvendo a oferta da “trindade” (alimentos, bebidas e acomodação) no lar –, mas não deixa de abarcar um contexto social no qual essas relações estão inseridas.

Os encontros decorrentes dessas relações são, ainda, variáveis no tempo e no espaço, fazendo com que a compreensão de seu domínio social seja igualmente – ou até mesmo fundamentalmente – relevante. Conforme defende (LASHLEY, 2004, p .7),

[...] o exame deste tópico e o valor posto sobre ser hospiteiro em relação a forasteiros variam através do tempo e entre as sociedades. Assim, as atuais perspectivas e definições de hospitalidade representam apenas uma possibilidade entre muitas outras.

Dessa forma, tomando toda interação como fundamental para a constituição tanto de indivíduos quanto da sociedade e considerando as práticas de hospitalidade como práticas culturais, é possível sustentar que esses encontros configuram um importante campo de investigação na busca por uma compreensão mais rica e aprofundada acerca das relações sociais e de suas variações e particularidades.

As interfaces entre hospitalidade e consumo em estabelecimentos de hospedagem comercial são alvo de múltiplas compreensões dentre estudiosos da hospitalidade. Autores como Montandon (2003) e Gotman (2007, 2009), por exemplo, apesar de estarem ambos dedicados aos estudos socioantropológicos da hospitalidade sob perspectivas fundamentadas na dinâmica da dádiva proposta por Mauss (2008), divergem sobre possíveis aproximações entre a noção de hospitalidade e a prática comercial de hospedagem.

Por um lado, Montandon (2003) aceita a adoção da noção de hospitalidade para qualificação da hospedagem comercial, entendendo que, nesse caso, “[...] a hospitalidade permanece uma marca, uma perspectiva e um horizonte para uma interação bem-sucedida entre os homens, quer sejam clientes, amigos ou simplesmente estrangeiros com a mão estendida” (MONTANDON, 2003, p. 142). Gotman (2007, 2009), por sua vez, compreende que esta suposta “hospitalidade

comercial” não passaria de uma tentativa ingênua e comprometida de maquiagem um real apelo mercadológico contido nestas práticas e cenários. Para a autora, a inserção do pagamento subverteria a assimetria característica das relações na tríade dar-receber-retribuir, rompendo com o desinteresse e com a necessidade de retribuição futura, características fundamentais para esta dinâmica maussiana.

Por outro lado, autores influenciados pelos estudos britânicos em hospitalidade, como Telfer (2004), entendem que a dádiva não deve ser tomada como medida única e universal para categorização do caráter de hospitalidade de práticas e relações. Para tal grupo de autores – que inclui também nomes como Walton (2004) e Lashley (2004) – a preponderância do interesse pelo vínculo sobre o interesse financeiro ou comercial, a predisposição de abertura para o outro e a disposição para mútua vulnerabilização seriam alguns dos fatores preponderantes para a determinação do caráter de hospitalidade de uma prática ou relação, ainda que diante da realização de pagamentos.

Entende-se, por fim, que a transposição destas discussões sobre o caráter de autenticidade ou genuinidade de diversas formas e práticas de hospitalidade para um enfoque na investigação de suas dinâmicas, de seus significados e comportamentos pode ser significativamente mais produtivo para a compreensão destas interseções entre privado, social e comercial na contemporaneidade. Neste sentido, apresenta-se a seguir um possível e profícuo caminho de investigação social deste complexo objeto.

3 A Cena Hospitaleira: aplicações da abordagem sociodramatúrgica de Erving Goffman

[...] a hospitalidade é tratada como uma cena com dois atores centrais, individuais ou coletivos, um considerado anfitrião, e outro, hóspede, com marcações precisas de espaço e tempo. (CAMARGO, 2011, p. 16)

As múltiplas e complexas interfaces entre consumo e intimidade presentes nas hospedagens comerciais domiciliares tornam ainda mais relevante a análise deste cenário peculiar e das relações nele imbricadas. Além do transpassar da barreira representar um momento de dupla tensão (seja pela entrada no território de outrem

ou pela entrada do outro em seu território), a realização de uma atividade comercial que envolve a abertura da intimidade, da propriedade e do território para o outro suscita ainda questões relativas aos espaços e cenários nos quais tais relações são estabelecidas. Neste sentido, conceitos como os de *bastidor* e de *fachada*, propostos por Goffman (2011) parecem poder ser apropriados para a compreensão destas complexas interfaces.

Em “*A representação do eu na vida cotidiana*”, Goffman (2011) elabora uma teoria sobre os funcionamentos, comportamentos e desvios nas interações sociais face a face e analisa-os a partir de uma perspectiva dramatúrgica. Em suas exposições, aborda o comportamento humano em sociedade e suas formas de manifestação, apoiando-se na delimitação de conceitos como os de *região de fachada*, *região de bastidores* (ou dos fundos), *performance*, equipes (de representação), *ator*, *plateia* e *manipulação da impressão*.

Vale ressaltar que a relevância e a aplicabilidade desta perspectiva dramatúrgica para as investigações de relações estabelecidas entre anfitriões e hóspedes fora observada pelo próprio autor, o qual desenvolveu boa parte de seu trabalho de campo em um hotel localizado nas ilhas Shetland, na Escócia. Assim, ao longo de toda a obra, Goffman (2011) faz uso de exemplos extraídos de suas observações de campo, explicando de maneira bastante didática sua teoria sobre as dinâmicas envolvidas na manutenção da situação através da representação do eu.

Independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão deste objetivo, será de interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam. Este controle é realizado principalmente através da influência sobre a definição da situação que os outros venham a formular. (GOFFMAN, 2011, p. 13)

Dessa forma, a fim de manipular a impressão passada influenciando a situação contextual em que está inserido, o indivíduo realiza o que Goffman (2011) chama de *desempenho* ou *performance*. O autor define, então, que um *desempenho* pode ser entendido como “[...] toda atividade de um determinado participante, em dada ocasião, que sirva para influenciar, de algum modo, qualquer um dos outros participantes” (GOFFMAN, 2011, p. 24).

A realização de *performances* dividiria os envolvidos em uma determinada interação social entre os papéis de ator(es) e plateia, sendo os atores representados

por aqueles que buscam influenciar – ou seja, aqueles que, naquele contexto ou momento, desenvolvem a encenação –, e a plateia por aqueles que assistem a tal representação, estando, assim, passíveis de tal manipulação da impressão.

Neste jogo de manipulação da impressão, os atores desenvolveriam o que Goffman (2011, p. 29) chama de *região de fachada*, definida como “[...] a parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a situação”. Também nesse sentido, tudo aquilo que o ator julgar ser prejudicial ou inconsistente com o desempenho encenado na região de fachada será designado a uma *região de fundos ou bastidores*.

Quando abordada a hotelaria convencional, a visualização da encenação das práticas e do caráter cenográfico dos espaços envolvidos é relativamente mais clara. Nestes estabelecimentos, a delimitação entre as regiões de fachada e de bastidor é mais evidente, podendo ser percebida através de aspectos como o planejamento do espaço – grande discrepância entre as áreas acessadas ou não pelos hóspedes –, o uso de uniformes e o treinamento específico para o desempenho adequado de cada função – a representação da função e da manutenção da imagem da própria organização.

No entanto, entende-se que, assim como toda interação social face a face, as relações de hospitalidade – independentemente de seu caráter de atividade comercial ou mesmo de ser desempenhada em um cenário doméstico ou em outros tipos diversos de estabelecimentos – podem ser entendidas como interações fundamentalmente encenadas.

Camargo (2011) descreve o que chama de *a cena hospitaleira*⁵ como um contexto frágil, cuja manutenção do equilíbrio ou harmonia (manutenção da situação) compara-se à de uma corda bamba.

As falas são mais ou menos estudadas, dependendo da intimidade dos atores, mas algumas sempre serão rituais e obrigatórias como num roteiro teatral – *dá licença, desculpe, por favor*. O centro da análise recairá sobre as peripécias e, sobretudo, os deslizos dos atores que se equilibram numa autêntica corda bamba. (CAMARGO, 2011, p. 16-17)

Neste sentido, os palcos desta representação poderiam variar, assim como os formatos e características de suas práticas culturais, mas algumas expectativas acerca das *performances* dos envolvidos parecem ser, de certa forma, constantes.

⁵ Destaca-se, aqui, a diferença entre o conceito de *cena hospitaleira* utilizado nesta seção e o conceito de *cena* descrito por Goffman (2011). Enquanto o primeiro diz respeito ao conjunto formado pelos cenários, performances e indivíduos – atores e plateia – envolvidos em uma representação de recepção e acolhimento, o segundo diz respeito à noção popular de “fazer cena”, ou seja, às situações “nas quais o indivíduo age de modo a destruir ou ameaçar seriamente a aparência de cortesia da convivência, e embora possa simplesmente não agir com o objetivo de criar tal dissonância, age sabendo que há a probabilidade de haver como resultado esta espécie de dissonância” (GOFFMAN, 2011, p.193).

Na cena hospitaleira, aquele que recebe (o anfitrião) deve honrar seu visitante (hóspede), servir-lhe o que tem de melhor em sua casa, atender às suas necessidades de acolhimento, hospedagem, alimentação e entretenimento, convidando-o a desfrutar daquilo de que gostar ou necessitar (‘faça de conta que está em casa’), organizando o espaço destinado a esse encontro, mas, ao mesmo tempo, vigiando-o. Este, por sua vez, deve honrar seu anfitrião ocupando apenas o espaço que lhe é reservado, fora do qual todo uso necessita de permissão, e aceitando todas as gentilezas que receber. (CAMARGO, 2011, p. 17)

É possível perceber, portanto, que tanto o hóspede como o anfitrião estão inseparavelmente imbricados na cena. Ambos representam, ao mesmo tempo, depositários do “desconhecido” e de expectativas relativamente pré-concebidas. Parece haver, então, uma dupla necessidade de flexibilização e mesmo vulnerabilização: se, por um lado, o anfitrião precisa flexibilizar-se em virtude da “diferença” daquele a quem recebe, o hóspede também deverá considerar que adentra em um terreno ao qual não pertence, por mais próximo que este possa ser de sua cultura ou mesmo local de domicílio.

Nessa interação, ambos demandam algum referencial que oriente a relação, o que contribui para o estabelecimento e para a manutenção de seu bom funcionamento. O hóspede precisa saber até onde pode ir (não somente fisicamente no espaço, mas simbolicamente na intimidade); o anfitrião questiona quais seriam as expectativas daquele hóspede quanto ao que ele espera que lhe seja oferecido. Para ambos, a tomada dessas informações será fundamental para a construção e manipulação da impressão que buscarão passar um ao outro.

A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Assim informados, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter a resposta desejada. (GOFFMAN, 2011, p. 11).

Além de partir de uma hostilidade latente, demandando sua transposição para que haja presença da hospitalidade, a relação estabelecida entre anfitriões e

hóspedes envolve também uma série de riscos que vão desde o da intrusão, do parasitismo e da inconveniência (para o anfitrião), até o da violência física ou psicológica de um anfitrião hostil ou desconhecedor das leis da hospitalidade (CAMARGO, 2011). Neste sentido, fazendo uso do exemplo das inferências tomadas como base por hóspedes e anfitriões, Goffman (2011, p. 13) destaca que:

[...] a segurança que justificadamente sentem ao fazerem inferências a respeito do indivíduo variará, é claro, de acordo com fatores tais como a quantidade de informação que possuam a seu respeito, mas nenhuma quantidade desta documentação passada pode evitar inteiramente a necessidade de agir com base em inferências.

Uma das principais particularidades das hospedagens comerciais domiciliares é sua realização em um cenário que representa umas das regiões de bastidor mais bem protegidas: o lar. Simbolicamente visto como um refúgio ou local onde a pessoa pode se recuperar do mundo exterior (LYNCH; MACWHANNELL, 2004), o domicílio representa um território que, quando aberto ao outro, expõe largamente informações muitas vezes de difícil manipulação por parte do morador. Conforme observam Lynch e MacWhannell (2004, p. 162),

A admissão de forasteiros nesse refúgio é uma admissão do mundo exterior, do qual os proprietários da casa procuram se refugiar. Isso é capaz de resultar na percepção do lar como um local menos pessoal (Ahrentsen, 1989). Tal conflito pode ser parcialmente resolvido mediante uma separação geográfica adicional; por exemplo, em um hotel [domiciliar] pequeno é comum encontrar os aposentos dos proprietários inteiramente separados das áreas públicas onde os hóspedes são admitidos.

Assim, no caso das hospedagens comerciais domiciliares, a abertura do lar como símbolo de refúgio do hospedeiro para aquele que representa um intruso, uma ameaça, um depositário de hostilidade, envolve riscos e tensões que podem não ter na remuneração financeira uma compensação tida como suficiente para determinados perfis de anfitriões.

Nem todos podem acomodar estranhos dentro de casa. Embora as motivações financeiras sejam atraentes, há um preço a pagar por parte dos hospedeiros para manter as aparências e quanto à perda de privacidade e espaço pessoal. (LYNCH; MACWAHNNELL, 2004, p. 162).

Segundo esses autores, Stinger (1981) reconhece em seu estudo sobre as hospedagens de tipo *bed and breackfast* a importância do lar nas interações entre hospedeiro e hóspede, destacando que “[...] o cenário para a transação – o lar – é capaz de criar uma tensão acerca da utilização do espaço [...]” (LYNCH; MACWHANNELL, 2004, p. 164). Esses autores também reconhecem que “[...] tal tensão também é uma fonte de grande apelo para os hóspedes, em que as regras, comportamentos e expectativas dos hospedeiros são objeto de observação e tema para conversação ulterior”. (LYNCH; MACWHANNELL, 2004, p. 164). Nesse sentido, a busca por tarifas de hospedagem reduzidas pode não representar, necessariamente, a principal motivação do turista que opta por tais modalidades.

É possível observar, portanto, a presença de diversas peculiaridades características destas interações entre hóspedes e anfitriões. A relação com o espaço, a redefinição de bastidores e fachadas, a constante (re)negociação na manutenção de impressões e ressignificações da própria noção de lar são aspectos que oferecem inúmeras oportunidades de compreensão dos cenários socioculturais contemporâneos.

Considerações Finais

Marcadas pela interseção de aspectos como hospitalidade, intimidade e consumo, as hospedagens comerciais domiciliares configuram um importante e profícuo objeto capaz de contribuir para a compreensão de diversos aspectos socioculturais. A peculiaridade e complexidade dos cenários, comportamentos e relações relacionados a este objeto suscitam, por sua vez, a colaboração e interação de diversas disciplinas, seja através de investigações interdisciplinares ou mesmo transdisciplinares.

Além disso, a partir das aproximações aqui expostas, é possível constatar a aderência e a relevância da abordagem goffminiana para a investigação dessas interações entre anfitriões e hóspedes e de suas interfaces com outros temas de grande interesse para diversas áreas do conhecimento. Destaca-se que, ainda

que este seja apenas um exemplo dos múltiplos e diversificados enfoques interdisciplinares possíveis na investigação deste objeto, sua relevância fundamenta-se especialmente na crescente demanda por investigações que transponham seus enfoques de análise da descrição ou delimitação de essências (ou elementos essenciais) para a problematização e a compreensão dos processos, das dinâmicas e dos comportamentos envolvidos em sua negociação, formulação e revisão.

Desta forma, a investigação destes complexos e peculiares encontros envolve um amplo leque de subtemas e interfaces que abarca desde os processos de formação e reformulações de identidades, memórias e subjetividades – aí incluídas as visões e representações de si e do outro –, até os usos e significações do lar e as inferências socioeconômicas do turismo em cada localidade. Tal diversificação de fatores comprova, portanto, a relevância e a proficuidade de investigações interdisciplinares que busquem contribuir para sua melhor compreensão; a interdisciplinaridade faz-se, aqui, mais do que possível, necessária.

Ademais, o turismo representa um fenômeno que, paralelamente, reflete e influencia a fluidez dos contextos e das relações na contemporaneidade. Neste sentido, abordagens, como a realizada aqui, que busquem compreender e problematizar seus processos, comportamentos e dinâmicas são fundamentais para que possam ser superadas algumas visões maniqueístas e dicotômicas na produção do conhecimento turístico. Tais visões, de maneira simplória e superficial, parecem almejar determinações da ordem do juízo de valor sobre este fenômeno tão complexo.

Oscilando nestas compreensões entre “grande vilão” e “salvador da economia”, ou mesmo “promotor da paz entre povos e nações”, o fenômeno turístico precisa, mais do que nunca, ser problematizado e compreendido de maneira crítica e contextualizada. Marca de um cenário contemporâneo caracterizado pela fluidez e pela mobilidade, o turismo e suas interfaces com a temática da hospitalidade representam não somente um objeto que deve ser compreendido por si só, mas, ainda, um caminho para a compreensão das dinâmicas e lógicas socioculturais na atualidade.

Referências

- BAUMAN, Zigmund. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In: MANETI DENCKER, Ada de Freitas; SIQUEIRA BUENOS, Marielys (Orgs.). *Hospitalidade: cenários e oportunidades*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.
- _____. Apresentação à edição brasileira: o estudo da hospitalidade. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GOTMAN, Anne. O comércio da hospitalidade é possível? *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. 6, n. 2, Dez, 2009. Disponível em: <<http://www.rev Hosp.org/ojs/index.php/hospitalidade/article/view/311>>. Acesso em 18 nov.2013.
- _____. A encenação da hospitalidade. In: BUENO RAMOS & GRINOVER, Lúcio. *A hospitalidade, a cidade e o turismo*. São Paulo: Aleph, 2007.
- GRASSI, Marie-Claire. Hospedaria: do albergue ao hotel. In: MONTANDON, Alain (org.). *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In:_____; MORRISON, Alison (orgs.). *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- LYNCH, Paul; MACWHANNELL, Dorren. Hospitalidade doméstica e comercial. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (orgs.). *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Baurueri, SP: Manole, 2004
- MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva*. ed. 70. Lisboa: [s. n.], 2008.
- MONTANDON, Alain. Espelhos da hospitalidade. In: _____. *O livro da hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- PIMENTEL, Ana. *Hospedagem domiciliar na cidade do Rio de Janeiro: o espaço de encontro entre turistas e anfitriões*. Dissertação de Mestrado-Universidade Federal do Rio De Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arq_anexos/arqteses/anapimentel.pdf>. Acesso em: 10 jan.2013.
- TELFER, Elizabeth. A filosofia da “hospitabilidade”. In: LASHLEY, Conrad; MOR-

RISON, Alison. *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.

WALTON, John K. O negócio da hospitalidade: uma história social. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. *Em busca da hospitalidade: perspectivas para um mundo globalizado*. Barueri, SP: Manole, 2004.